ORGÃO : DA RENASCEN=ÇA : PORTU=GUESA

4

100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Director literário, *Dr. Teixeira de Pascoaes.*
Director artístico, *António Carneiro.*
Director scientífico, *Dr. José de Magalhães.*
Secretário da redacção, editor e administrador — *Álvaro Pinto.*

Correspondentes:

Paris — Philéas Lebesgue.
Salamanca — Miguel de Unamuno.

PROPRIEDADE DE "A RENASCENÇA PORTUGUESA"

SUMÁRIO DO N.º 4 (2.ª série) — Abril de 1912.

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal . . .	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia .	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha . . .	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro . .	60 ct.	3 francos	6 francos
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios*
(por publicação)

	Na capa	Além do texto
1 página .	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 " .	2$200 rs.	1$600 rs.
1/4 " .	1$200 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS — No Pôrto — Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa — Livraria Ferreira, Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração — R. da Alegria, 218, Pôrto.
Tipografia — Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada

I

Ao movimento litterario representativo e peculiar da nascente geração portugueza tem sido feito pela opinião publica o favor de o não comprehender. E esse movimento que, sobretudo na poesia, com crescente nitidez accusa a sua individualidade representativa, não tem sido comprehendido, porque uma parte do publico, a que tem mais de trinta annos, está inadaptabilisavel, por já velha, a esse movimento, e consta, perante elle, de incomprehendedores-natos; porque outra parte, ou por circumstancias de bacharelosa especie educativa, ou por descuidada na manutenção espiritual do sentimento de raça, ou ainda por sentimentos de desviado e esteril enthusiasmo gerados por absorpção na intensa e mesquinha vida politica nossa, está collocada n'um estado de pseudo-alma descriptivel como sendo de incomprehendedores-de-occasião; e porque a outra, restante, aquella de quem são os novos poetas e litteratos e os que os acompanham no obscuro sentimento racial que os guia, não tomou ainda consciencia de si como o que realmente é, porquanto o movimento poetico actual é ainda embryão quanto a tendencias, nebulosa quanto a idéas que de si ou de outras cousas tenha.

Urge que — pondo de parte mysticismos de pensamento e de expressão, uteis apenas para despertar pelo ridiculo, que a sua obscuridade para os profanos causa, o interesse alegre do inimigo social — com raciocinios e cingentes analyses se penetre na comprehensão do actual movimento poetico portuguez, se pergunte á alma nacional, n'elle espelhada, o que pretende e a que tende, e se ponha em termos de comprehensibilidade logica o valor e a significação, perante a sociologia, d'esse movimento litterario e artistico.

II

Em primeiro logar, é evidente que aquillo a que se chama uma corrente litteraria deve de algum modo ser representativo do estado social da epoca e do paiz em que apparece. Porque uma corrente litteraria não é senão o *tom* especial que de commum teem os escriptores de determinado periodo, e que representa, postas de parte as inevitaveis peculiaridades individuaes, um conceito geral do mundo e da vida, e um modo de exprimir esse conceito, que, por

ser commum a esses escriptores, deve forçosamente ter raiz no que de commum elles teem, e isso é a epoca e o paiz em que vivem ou em que se integram.

E se a litteratura é fatalmente a expressão do estado social de um periodo politico, *à fortiori* o deve ser, a dentro da litteratura, o genero litterario que mais de perto cinge e mais transparentemente cobre o sentimento e a idéa expressos—e esse genero litterario é a poesia.

Não é isto, porém, que de momento importa. Saber pela litteratura as idéas de uma época só pode ter interesse para a posteridade, que não tem outro meio de a tornar presente ao seu raciocinio. O que nos occupa é saber se a litteratura nos poderá ser um indicador sociologico, se nos pode ser ponteiro para indicar a que horas da civilisação estamos, ou, para fallar clareza, para nos informar do estado de vitalidade e exuberancia de vida em que se encontra uma nação ou época, para que, pela litteratura simplesmente, possamos prever ou concluir o que espera o paiz em que essa litteratura é actual. E é precisamente isto que *à priori* se não pode imaginar. Reportemo-n'os, pois, á evidencia analysada dos factos.

Desbravemos, porém, o terreno, aclarando alguns termos essenciaes, e simplificando, para não sermos longos, as condições da analyse projectada.

Por vitalidade de uma nação não se pode entender nem a sua força militar, nem a sua prosperidade commercial, cousas secundarias e por assim dizer physicas nas nações; tem de se entender a sua exuberancia *de alma,* isto é, a sua capacidade de crear, não já simples sciencia, o que é restricto e mecanico, mas *novos moldes, novas idéas geraes,* para o movimento civilizacional a que pertence. E' por isso que ninguem compara a grandeza ruidosa de Roma á super-grandeza da Grecia. A Grecia creou uma civilização, que Roma simplesmente espalhou, distribuiu. Temos ruinas romanas e idéas gregas. Roma é, salvo o que sobremorre nas formulas invitaes dos codigos, uma memoria de uma gloria; a Grecia sobrevive-se nos nossos idéaes e nos nossos sentimentos.

Servir-nos-hão de material para a analyse duas nações apenas —a Inglaterra e a França; e isto porque, tendo essas uma unidade nacional, uma continuidade de vida e uma influencia civilizacional accentuada, o problema se limita simplesmente á analyse que desejamos fazer, sem impôr, como imporia o estudo de qualquér nação ou mais complexa, ou mais affastada no tempo, uma previa analyse differencial. A escassez do material, porém, importa apenas quando é superficial a analyse; porque, se *pour expliquer un brin de paille il faut démonter tout le systéme de l'univers,* ao raciocinador ideal bastaria, visto que o systema do universo se acha logicamente contido no *brin de paille,* analysal-o bem, a elle *brin de paille,* para deduzir o systema do universo.

Tomaremos a Inglaterra e a França para material de analyse. E tomaremos periodos nitidos, pois que o espaço não permitte a co-analyse de periodos litteraria- ou politicamente embryonarios.

III

A historia litteraria da Inglaterra mostra trez periodos distinctos, ainda que subdivisiveis em sub-periodos — o isabelliano, que vae de 1580 approximadamente até a um ponto pouco mais ou menos coincidente com o fim da Republica; o tratavel de "neo-classico„ que, pouco depois começando, occupa quasi todo o seculo dezoito, começando porém a morrer desde 1780, approximadamente; e o moderno, que vem desde então até aos nossos dias. D'estes tres periodos o primeiro impõe-se como por muito o maior, não só por ser mais alto o *tom* poetico geral do periodo, mas tambem porque as suas culminancias poeticas — Spenser, Shakespeare e Milton — põem na sombra quantos nomes illustres os outros dois periodos apresentem. — O segundo periodo é inferior aos outros dois: o tom poetico é aquelle, intoleravel, que a França do *ancien régime* derramou pela Europa de que tinha a hegemonia social. — O terceiro periodo contém figuras que, sem serem supremas, são como Coleridge, Shelley ou Browning, grandes indiscutivelmente.

Vejamos agora a que periodos politicos estas epocas litterarias correspondem. A epoca isabelliana corresponde ao periodo da vida ingleza cuja realisação foi feita pela Republica e na pessoa, preëminentemente, de Cromwell. Foi um periodo *creador;* n'elle deu a Inglaterra ao mundo moderno um dos grandes principios civilizacionaes que lhe são peculiares — o de *governo popular,* principio que depois a Revolução Franceza, parcamente creadora, simplesmente transformou no de *democracia republicana.* — O segundo periodo da vida politica ingleza, o que vem desde a queda da Republica, culmina na revolução, de mera substituição dynastica, de 1688, e vem morrer por 1780 *nas almas,* e *de facto* com a reforma eleitoral de 1832, é absolutamente nullo e esteril para a Inglaterra; n'elle ella nada creou, nem mesmo a sua propria grandeza, visto que a hegemonia social na Europa era então da França. N'este segundo periodo a Inglaterra não fez senão ir realisando, apathica- e frouxamente, o principio de governo popular que havia creado. — Tambem no terceiro periodo a Inglaterra nada creou de civilizacional; creou a sua propria grandeza e nada mais — visto que a hegemonia européa tem sido mais sua do que d'outra nação no seculo dezenove, conforme o vincaram para a historia Nelson em Trafalgar e Wellington em Waterloo.

Virando-nos agora para a França, e desprezando, como já dissémos, o embryonario e informe, vemos egualmente trez periodos, incoincidentes porém, no tempo, com os trez periodos inglezes. O primeiro periodo acompanha o *ancien régime,* culmina no tempo de Luiz XIV, e dura até ao fim do seculo dezoito, emprestando o tom á litteratura européa. O segundo periodo, o romantico, começa depois da queda do *ancien régime* e vae terminando á medida que o republicanismo se vae realisando nas almas, de 1848 a 1870, approximada- mas incorrectamente. De então para cá, em seguida ao periodo (de 1871 a 1881 pouco mais ou menos) de lenta conso-

lidação republicana, vem o terceiro periodo, aquelle a que caracterizam o realismo, o symbolismo e outros anti-romantismos ([1]).

Vejamos agora como se nos mostram os correspondentes periodos politicos. O primeiro, *ancien régime*, foi um periodo em que a França nada creou *para a civilização*, visto que creou apenas a sua propria grandeza e a correspondente hegemonia social européa, cujo reflexo longinquo e fraquejante é a influencia de que ainda gosa. O segundo periodo é aquelle que, *precipitando-se* na prematura Revolução Franceza, se vae realisando só depois, *nas almas*, de 1848 a 1870, pouco mais ou menos, e é n'este periodo que a França cria para a civilização a idéa de democracia republicana. Não a cria, é claro, tão creadoramente como a Inglaterra de Cromweil, que a *origina* no mundo moderno; torna-a porém mais intensa e nitida, desenvolve-a — o que é tambem, ainda que secundariamente, uma creação. Finalmente, no terceiro periodo, o de 1870 para cá, a França nada cria para a civilização, nem mesmo a sua propria grandeza cria, visto que decahe em valor europêo: vae vivendo, como a Inglaterra no segundo periodo, e realisando, apathica- e despiciendamente, o principio de democracia republicana que em anterior periodo creára.

Posto isto, analysemos. Em primeiro logar é evidente a analogia, quanto a valor civilizacional, e, portanto, a vitalidade nacional, entre o primeiro periodo francez e o terceiro inglez, entre o segundo periodo francez e primeiro inglez, e entre o terceiro periodo francez e o segundo da Inglaterra. Tão perfeita é a analogia social e civilizacional como a analogia litteraria. A litteratura ingleza attinge o seu auge no primeiro, a franceza no segundo, periodo. São relativamente ricas, a ingleza no terceiro periodo, a franceza no primeiro. E a ingleza no seu periodo segundo e a franceza no terceiro seu estão no mesmo nivel de abatimento litterario perante os outros periodos. — Vemos, pois, que o valor dos creadores litterarios corresponde ao valor creador das épocas a que correspondem, de modo que a litteratura não só traduz as idéas da sua época mas — e é isto que importa que fixemos — o valor da litteratura, perante a historia litteraria, corresponde ao valor da epoca, perante a historia da civilização.

Avançando na analyse, porém, revela-se-nos que a posição chronologica das litteraturas se dá, relativamente aos correspondentes movimentos sociaes, da modo diverso nos trez periodos. Assim, no primeiro periodo, o creador, da Inglaterra, o movimento litterario que culmina em Shakespeare (entre 1590 e 1610) *precede* o movimento politico, que só começa ao decahir elle. E, em França, o movimento romantico vae decahindo á medida que se vae realisando nos espiritos o correspondente, e socialmente exuberante,

---

([1]) Uma analyse impossivel aqui, por demorada, mostraria como é sociologicamente certa esta divisão, em apparencia anti-historica ao ponto de ser de todo absurda — esta divisão e a que, de periodos politicos, vae a seguir.

movimento politico.—No segundo periodo inglez e terceiro francez, analogos como já vimos, a corrente litteraria *vem depois* da corrente politica que lhe corresponde; como em França se vê pelo apparecimento dos movimentos symbolistas, realista e outros, claramente, nos annos que succedem áquelles em que se consolidou a republica; e em Inglaterra pelo facto de Pope, em quem a corrente litteraria culmina (Dryden, talvez maior, é um poeta de transição, pertencente em parte ainda ao periodo anterior) sêr da geração seguinte á dos consolidadores da nova formula, caracteristica da época, a de monarchia constitucional.—No terceiro periodo inglez e primeiro francez temos a *coincidencia* no tempo entre a corrente e culminancias litterarias e o movimento e culminancias politicos. E' sob Luiz XIV que a vida litteraria é de mais valor, e o movimento reformista inglez (de 1770 a 1832), que involve em si as causas da hegemonia ingleza moderna e inclue as guerras em que ella se fixou, coincide com o romantismo britannico.

Examinemos agora quaes os caracteristicos interiores d'estas correntes litterarias. As correntes litterarias do segundo periodo inglez e o terceiro francez—aquelles periodos em que essas nações nada crearam, nem para os outros nem para si—offerecem como mais importante facto espiritual *a desnacionalisação da litteratura;* visto que a litteratura ingleza do seculo dezoito é vazada em moldes francezes, e a litteratura franceza de 1880 para cá é tudo menos franceza de espirito. Assim, para dar o unico exemplo que o espaço pode admittir, o symbolismo, essencialmente confuso, lyrico e religioso, é absolutamente contrario ao espirito lucido, rhetorico e sceptico do povo francez.—As correntes litterarias do terceiro periodo inglez e primeiro francez—as dos periodos em que os paizes crearam a sua propria grandeza e hegemonia social, mas, de civilizacional, nada—mostram *um equilibrio entre o espirito nacional e a influencia estrangeira:* assim, a influencia allemã é patente mas não dominante no romantismo inglez, e a influencia da antiguidade tão importante como a do espirito nacional na litteratura dos seculos dezesete e dezoito em França.—Finalmente, nos periodos creadores—o primeiro inglez e segundo francez—temos na litteratura *o espirito nacional patente e dominante,* absorvendo e absolutamente eliminando qualquer influencia estrangeira que haja. Assim, nada mais francez do que Victor Hugo com a sua rhetorica, a sua pseudo-profundeza, a sua lucidez epigrammatica em pleno seio do lyrismo, onde não está bem. E Spenser, Shakespeare e Milton—mas Spenser e Shakespeare mais do que Milton—são inglezes inconfundivelmente.

IV

Ainda que rapida, já ha n'esta analyse elementos para a apreciação ponderada da moderna poesia portugueza.

O primeiro facto que se nota é que a actual corrente litteraria portugueza é *absolutamente nacional,* e não só nacional com a

inevitabilidade bruta de um canto popular, mas nacional com *idéas* especiaes, *sentimentos* especiaes, *modos de expressão* especiaes e distinctivos de um movimento litterario completamente *portuguez;* e, de resto, se fosse menos, não seria um *movimento litterario*, mas uma especie de traje psychico nacional, relegavel da categoria de movimento de arte para a, para este caso sociologico nulla, de um mero *costume* caracteristico.

O segundo facto a notar é que o movimento poetico portuguez contém individualidades de vincado valor: não são Miltons nem Shakespeares, mas são gente que se extrema, além de pelo *tom*, que é da corrente, pelo valor mesmo, d'entre os contemporaneos europeus, com excepção de um ou dois italianos, e esses não integrados em movimento ou corrente alguma que, de distinctiva ou nacional, tenha sombra de direito a ser comparada com a hodierna corrente poetica lusitana.

O terceiro e ultimo facto que se impõe é que este movimento poetico dá-se coincidentemente com um periodo de pobre e deprimida vida social, de mesquinha politica, de difficuldades e obstaculos de toda a especie á mais quotidiana paz individual e social, e á mais rudimentar confiança ou segurança n'um, ou d'um, futuro.

Vistos estes elementos sociologicos do problema, salta aos olhos a inevitavel conclusão. E' ella a mais extraordinaria, a mais consoladora, a mais estonteante que se pode ousar esperar. E' ella de ordem a coincidir absolutamente com aquellas intuições propheticas do poeta Teixeira de Pascoaes sobre a *futura civilização lusitana*, sobre o *futuro glorioso* que espera a Patria Portugueza. Tudo isso, que a fé e a intuição dos mysticos deu a Teixeira de Pascoaes, vae o nosso raciocinio mathematicamente confirmar.

E' que os caracteristicos que acabamos de descobrir no nosso actual movimento poetico indicam absolutamente a sua analogia com as litteraturas ingleza do primeiro, e franceza do segundo, periodo, e, portanto impõem que se conclua d'ahi a fatal analogia com as épocas de que aquellas litteraturas são representativas.

A analogia é absoluta. Temos, primeiro, a nota principal da completa *nacionalidade e novidade* do movimento. Temos, depois, o caso de se tratar de uma corrente litteraria contendo poetas de indiscutivel valor. E note-se — para o caso de se argumentar que nenhum Shakespeare nem Victor Hugo appareceu ainda na corrente litteraria portugueza — que esta corrente vae ainda no principio do seu principio, gradualmente porém tornando-se mais firme, mais nitida, mais complexa. E isto leva a crêr que deve estar para muito breve o inevitavel apparecimento do poeta ou poetas supremos d'esta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. Quem sabe se não estará para um futuro muito proximo a ruidosa confirmação d'este deduzidissimo asserto? X

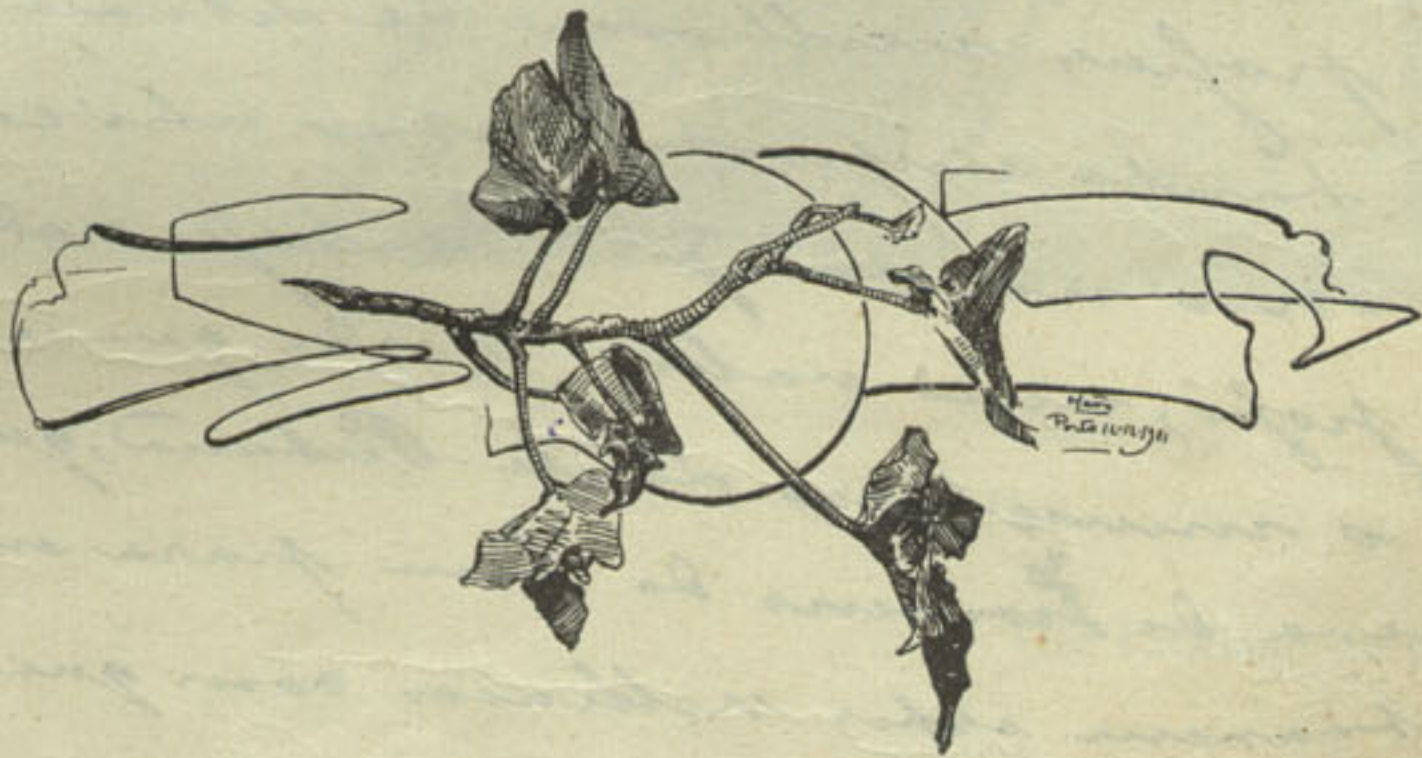
Pode objectar-se, além de muita cousa desdenhavel n'um artigo que tem de não ser longo, que o actual momento politico não

parece de ordem a gerar genios poeticos supremos, de reles e mesquinho que é. Mas *é precisamente por isso* que mais concluivel se nos affigura o proximo apparecer d'um supra-Camões na nossa terra. E' precisamente este detalhe que marca a completa analogia da actual corrente litteraria portugueza com aquellas, franceza e ingleza, onde o nosso raciocinio descobriu o acompanhamento litterario das grandes épocas creadoras. Porque a corrente litteraria, como vimos, *precede sempre* a corrente social nas épocas sublimes de uma nação. Que admira que não vejamos signal de renascença na vida politica, se a analogia nos manda que o vejamos apenas uma, duas ou trez gerações *depois* do *auge* da corrente litteraria?

Ousemos concluir isto, onde o raciocinio excede o sonho: que a actual corrente litteraria portugueza é completa- e absolutamente o principio de uma grande corrente litteraria, *das que precedem as grandes épocas creadoras das grandes nações de quem a civilização é filha.*

Que o mal e o pouco do presente nos não deprimam nem illudam: são elles que confirmam o nosso raciocinio. Tenhamos a coragem de ir para aquella louca alegria que vem das bandas para onde o raciocinio nos leva! Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinaria, um resurgimento assombroso. O ponto de luz até onde essa renascença nos deve levar não se pode dizer n'este breve estudo; desacompanhada de um raciocinio confirmativo, essa previsão pareceria um lucido sonho de louco.

Tenhamos fé. Tornemos essa crença, afinal logica, n'um futuro mais glorioso do que a imaginação o ousa conceber, a nossa alma e o nosso corpo, o quotidiano e o eterno de nós. Dia e noite, em pensamento e acção, em sonho e vida, esteja comnosco, para que nenhuma das nossas almas falte á sua missão de hoje, de crear o supra-Portugal de amanhã.

Fernando Pessoa.

Ill.mo Sr.

José Feliz de Carvalho e Araujo

a

Porto

A carta que me escrevestes so a re-
cebi na Ajuda na 5.a fr.a e por isso
só hoje sabbado posso responder.
Eu entendo que o melhor é con-
servar a situação actual; porque
tanto perigo e incertesa ha em
servir no Thesouro como n'uma
repartição de fazenda, e ao me-
nos o pagamento é ahi mais
prompto; alem de que a des-
peza da mudança seria um ver-
dadeiro embaraço. Quando occor-
ram circumstancias em que
possas melhorar de situação,
tanto importa estar ahi co-
mo n'outra p.te Eu hoje nada
posso, nem valho. Desde que caiu
o ministerio Loulé-Pestana, que
era de homens de bem para en-
trarem estes velhacos com que

MALHADOR (croquis do natural)
Do "ALBUM DO TRABALHO„

(De Cristiano de Carvalho)

so o Saldanha se entendia, affastei-me d'
elle; porque se o ajudei n'algu-
ma cousa foi por ser tão asno
que me persuadi de que elle mu-
dara de vida e queria enfim
olhar mais para o paiz do que
para si. Agora estou desenganado
de que puta velha não se converte.
Tenho-me affastado da politica e
dos politicos a pouco e pouco, e vol-
tei aos meus habitos de vida privada
a ponto de recusar formalmente ser
deputado pelo 2º circulo de Lisboa. Li-
mito-me a chamar marotos aos
marotos, o que não é meio para ob-
ter as boas graças do governo, que aliás
não quero. Assim eu que não pedi nem
acceitei nada p.ª mim nem p.ª os meus
ão homens honestos, menos o pediria
a estes tratantes. Vae por isso vivendo como
poderes e eu ajudarei até onde chegarem
os meus recursos, que como sabes não
são muitos, e menos agora que atrazei
ha mais de seis mezes os meus traba-
lhos de imprensa.

Sabbado 29 de 9bro

Herculano

Pertence esta carta, que foi escrita em 1851, ao solicitador snr. Augusto Gomes. O destinatario era irmão de Alexandre Herculano.

CANTICO DOS MONTES

A João Corrêa de Oliveira

Nos longes dalma persistentemente
Vão murmurando linguas ardorosas...
—Que nos acordam sediciosamente
A nostalgía vaga e eteria e ardente
Das velhas nubelosas.

E donde a onde ás altaneiras frontes
Surgem flamas de extintas energias...
E nossos olhos espectraes de Montes
Raivam em sangue e aterram Horisontes
Num lençol de agonias.

O' ancia torturada das Alturas!
Vertigens de Infinito! O' pesadêlo!...
Quem apertou, scismaticas e escuras,
Nôssas frontes, em nevoas de loucuras,
Num circulo de gêlo?!...

Que mão possante nos cortou o vôo
De azas erguidas num supremo arranco...
Nossas azas de luz petrificou...
E com amarras firmes amarrou,
Sempre, ao materno flanco?!...

Desde então, como enruga tórva magua
Nossas frontes estoicas e sombrias!
Depenaram-se as azas, fragua em fragua...
E as gargantas em doces ritmos de agua
Modulam elegías...

Mas ao subir da Terra o fino incenso
Do Crepusculo, a ira apaziguâmos...
O Sol rojou o Resplendôr intenso...
Num viatico de luz vem Deus-Imenso!
Silencio... Ajoelhâmos!

... Temos no olhar alucinado e fito
As divinas Theorias das Alturas...
E vão seguindo, no sagrado rito,
Em branca procissão, pelo Infinito,
Nossas preces mais puras...

Surge a lua... E em êxtase divino
Pomos as mãos—ao ceu erguendo o olhar...
E em vozes de Silencio cristalino,
Assim dedilham, misticas, um hino,
Na Harpa do Luar...

Antonio Cobeira

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS INÉDITAS

VII

Meu amigo:

Recebi as lindas poesias: destinei a Montanha *para o* Christianismo *e a* Tristeza *para o* Bardo. *Agradeço-as muito; mas não quizera vêl-as em contradicção. O meu Guilhermino, na primeira, homem do ermo, do desengano, e da fé, dá-se os parabens pela paz que possue. Na 2.ª a sua tristeza nasce d'aqui, do tremedal das paixoens, e ousa tentar a Deus, implorando-lhe a morte, menos amarga que a dôr.*

«Quem quizer acompanhar-me pegue na sua cruz, e siga-me.» O poeta responde ao Mestre, que não pode. Permitta elle *que aquellas suas dôres sejam todas imaginarias. Vivo no ermo, mas não saboreei ainda essas consolaçoens, que previamente li, como postas em almanach n'um livro d'um tal Zimmerman, medico allemão. Chama-se a* Solidaõ, *mas é bom para ler-se no povoado. Ainda assim eu vivo lá melhor (digo lá porque estou escrevendo no Porto).*

Noticio-lhe, se o não souber ainda, que vou para Coimbra a matricular-me em theologia: recolhi-me ha dias de lá, onde tinha a fazer alguns preparatorios em toda a extensão.

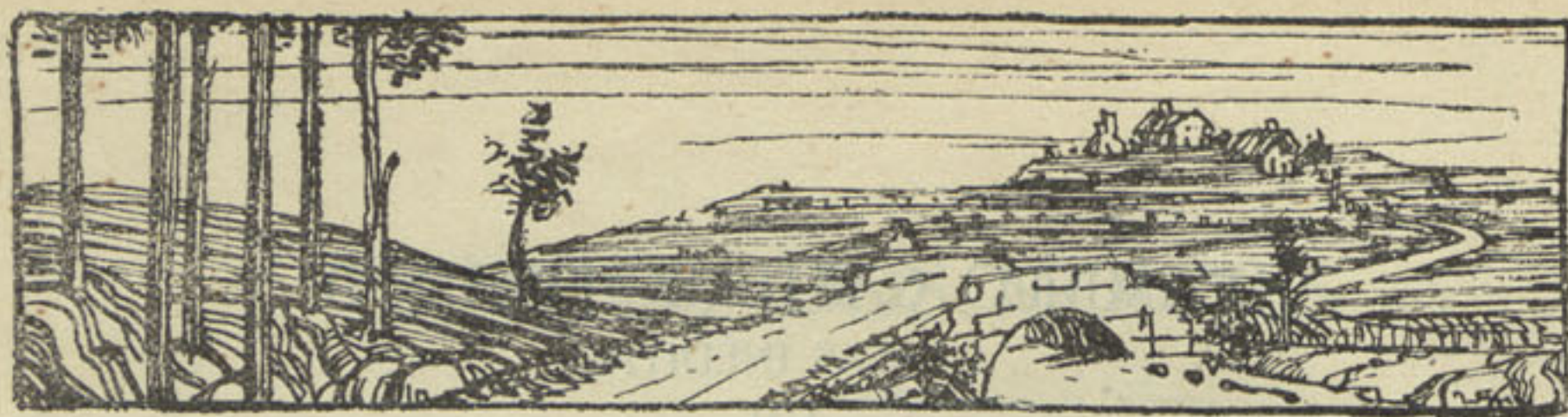
Approvo a idéa das cartas, e insto pela execução da feliz idéa. Lembra-me porem, que deve ser o G. o motor da polemica, se ella fôr conveniente. E' assim mais natural e menos pretenciosa da minha parte.

Escreva, pois, com brevidade. Eu de Coimbra continuo a redacção do Christianismo, *e podemos prolongar sobre variados motivos a nossa util controversia, ou, melhor direi, os nossos estudos religiosos. O assumpta que me lembrou (Quaes são as tendencias religiosas de Portugal?) dá margem a dizer cousas desagrudaveis. Entre nós a tendencia, na boa direcção, é quasi imperceptivel. Religião de cabeça — essa sim, que a gerou o desengano e a vontade de atinar em politica, mas do coração, a par de cultivada a intelligencia, é muito pouca, e não promette. Tenho estas tristes convicçoens. Tomara eu desvanecel-as. Tente-o, meu amigo, pode ser que, felizmente para mim, o consiga.*

*AD.^s^*

Creia que me dá prazer com as suas cartas.

Seu amigo obrig.º

Castello B.^co^

O silencio do meio-dia

(Excerpto)

De casaco ao hombro, os trabalhadôres arrastam-se, devagar. Os sinos tangem e no ar estremecem tres aís de bronze. Silencio!...

Olhem o maio!

Vae creadôr...

Ainda está tudo humido da volupia da noite.

As arvores dizem ao sol dos mysterios do seu amor e as flores rindo, num ar gaiato, são beijos que ficaram do amôr da terra.

P'lo campo abaixo, papoilas alagam a verdura de manchas de sangue que ficaram, indiscretamente, a denunciar mysterios de sensualidade.

Luz reveladôra do meio-dia!

Montes escalvados olham o ceu, num riso alvar, caminhos rusticos sobem a serra, cruzam-se e galgam, com estremecimentos, na vertiginosa ancia de lá chegar arriba. E ao cahir da encosta, manchas veludosas de pinheiraes, arvores exiladas perdendo o caule, na visão distante, ficam como pontos negros suspensos no ceu azul. E todo o horizonte, perdendo agora a forma dum dromedario, é um altar esculpido por um artista halucinado de côr. A vista desce. Em baixo, a verdura rodopia e afoga numa exotica exuberancia.

Por todo o campo, vae uma orgia sanguinea e creadôra.

Ouve-se a seiva glaucante dentro das arvores cahem insectos amolecidos de luxuria; ave e serpente, besta e homem embebedam-se de cio sobre a verdura humedecida, agitam-se corpos sensualizados de paysagem e ha roncos fartos de velhos devassos, que comem leite na carne branca das virgens prostituidas, degenerescencias deliciosas que a folhagem mysticisa, vertigens d'alcova transportadas para alli, sem o fundo branco enjoativo, sobre a relva toda acalmada como em ar de cançasso dos corpos que alli rolaram...

Olhem o maio!...

. . . .

A vida, aqui, é d'uma simplicidade dolorida.

Camponios seccos e ossudos saltitam, entre as ceroulas abaloadas, por onde as carnes sujas espreitam numa immoralidade dolorosa.

Forçados da terra, deram-lhe a carne e quando os vejo passar, resequidos nervosos, julgo nelles existir só o sonho do pão, sonho que elles realisam todos os dias, que lhes custa sangue que lhes custa vida, mas que elles teimam, ha seculos, em realisar porque, certo, os olhos mentem e os braços ensanguentados illudem...

Acomaram a terra, phosphatam a vinha, sacham o milho, ceifam a herva e, por vezes, o seu perfil hirsuto perde-se sob os molhos de lenha que acarretam pelas tardes para depois, quasi á noite, voltarem para a faina, — que o sol já secca e as regas urgem fartas e certeiras e os milhos só de noite as bebem a fazer-lhes bem.

— Que todo este jardinsinho de fructa e de verdura, louvado Deus, custa os olhos da cara.

Meio-dia a dar!

Da aldeia descem as companheiras de cestos á cabeça, empanados de branco.

Levam os jantares compartilhados depois, á sombra, sobriamente, numa delicia resignada.

E' tudo docemente solitario. Só

aqui e alli, dos botareus, se levantam revoadas de passaros e, lá debaixo, das arribadas floridas, sobre o chocolhar mesopotamico dos rebanhos...

. . . .

Pela folhagem, vae agora um rumôr de beijos seccos e desvairados. Limpas as boccas lambuzadas nas amalgas, os camponios espreguiçaram-se, na relva e, num revoltear de saias sujas, as femeas amollecem numa passividade lasciva de cadellas. E ha abraços musculosos, mordeduras d'um sadismo meigo, que ficam nos peitos macerados, como tatuagens... uivos d'animilidade agradecida e, após impetos de sangue ijaculado, a ironia extranha, elles, instintivamente, reconhecem de que o ominoso crime de serem homens só o attenua a instantanea esmola de serem brutos. E, por esta hora lasciva e somnolenta, escabeceiam camponios aflizados, por todo o campo vão as mesmas scenas de sensualidade, franca e desvergonhada, numa especie de deboche honesto d'animal. Sacodem as saias e num remoque de censura — p'ra que seria aquillo — as insonsas companheiras pegam nos cestos e, nos esforços violentos da labuta, começam deformando o que, d'ahi a tempos, será a mais beijada maldição do seu peccado.

Numa apathia de carne amolecida, os escravos quedam-se a olhar. Teem-nas ainda nos braços e nos beiços e o corpo, agora, diz com ella: p'ra que seria aquillo? Logo, ao meio da tarde, as pernas hão-de dar de si e lá p'ra noite... a amaldiçoada vida.

A' volta do caminho lá vão ellas, num saracotear magano.

Olham-nas sem amôr e, num capricho de luxuria satisfeita a imaginação revista-lhes ainda as carnes que elles, quasi com nojo, reconhecem terem ainda nos braços e nos beiços.

Proscriptos da Vida, passam, ha seculos, entre a Fome e a Terra sem matarem uma e sem possuirem outra.

Gente bem nossa, extranhamente sympatica, cheia de fome e de sol, colonos do silencio e da tristeza que só a entrecorta alegrias que o alcool faz explodir em espasmos mortiferos, cantos que teem rithmos de soluços e, lá dentro, um heroismo de navalha, d'essa navalha instrumento de volupia meridional, que tão calumniada tem sido só porque hoje, promovendo o crime, já nos não lembra que hontem nos deu a gloria.

O amôr, o amôr o que lhes dá os filhos? Sentem-no lá! — O goso maldito! — A gloria? Vem nos livros que não decifram. E de toda a choldra do passado, d'um só homem citam o nome e isso porque se recordam que a avó lhes contou, um dia, que era um gajo que não tinha um olho.

Meio-dia! Já vem chegando a calma. Apetece dormir, descançar. Descançar. Por quanto tempo?

— Ha tempo de descançar, lá riba, á quinta do senhor prior [1].

Nirvanica ideia que oito seculos de hysope e agua benta desterrar não lograram do popular bestunto...

Poetas do soffrimento, olhae-os bem, Olhem-nos como eu, exilado de mim mesmo. — Quando os vejo passar, d'enxada ao hombro, funebres como coveiros, eu bem anceio decifrar, na funda nostalgia d'áquelles olhares, o transcendente martyrio da minha raça.

No ar, rolam ondas de moleza. E na floresta, em frente, o vento passa num gemido discreto. Tenorios dos milheiraes, vá, bebei no ar o aphrodisiaco forte d'esta hora peninsular!

Que esses cachopos, ao menos, tragam nos olhos a humildade lubrica das relvas e nas faces o sangue virgem das papoilas.

Olhem o maio...

Coimbra-Bemcanta.
Maio de 1911.

Arthur Ribeiro Lopes

[1] Nome por que, entre algumas povoações ruraes, é pictorescamente designado o cimiterio.

SAÙDADE

(BREVES CONSIDERAÇÕIS FILOLÓGICAS)

Ao Poeta Dr. Teixeira de Pascoais

Não conheço palavra do nosso idioma que mais tenha dado que falar! E continuará...

Sôbre a sua origem e introdução em o nosso vocabulário já em tempo ([1]) falei, ainda que muito pela rama. Desta feita serei mais extenso.

Camilo C. B. ([2]) a propósito do comentário feito por Almeida Garrett, no seu *Camões*, ([3]) à palavra *saudade* satiriza o autor e, concomitantemente, os seguintes clássicos "que se ladroavam uns aos outros despejadamente„ — D. Francisco Manuel de Melo, António de Sousa de Macedo, Manuel Severim de Faria e Fr. Isidoro Barreira, por quererem ser cada um dêles o primeiro a "fazer o reparo„ sôbre esta palavra, e atribuírem todos aos portugueses "o exclusivismo do sentimento da saudade„; chegando, ele Camilo, à conclusão de que nenhum daqueles foi o primeiro a fazer tal raparo, mas sim Duarte Nunez de Leão; não obstante depois, na *Bruxa de Monte Córdova* (p. 13), referindo-se ainda ao mesmo assunto, afirmar (certamente por gracejo) ter sido o primeiro o abade de Claraval — S. Bernardo!

Já mostraremos que também caíu em êrro.

E Camilo não disse tudo, pois que, além daqueles autores, não mencionou Álvaro Ferreira de Vera ([4]), que em 1631 por seu lado fez o seguinte reparo: "E sôbre todas esta — *saudades* — que com muitas palavras doutras linguas se não pode explicar„.

Ainda outro, que o mordaz Camilo não mencionou.

Manuel de Faria e Sousa, falecido em 1649 — nos comentos dos Lusíadas (C. III, 120) fez este *grande reparo* ([5]): "*Saudade* em português não é outra coisa que *soidade*, derivado de *soidão*, que direitamente é *soledade;* e o dizer *saudade* é corrução„. Como se vê confundiu dois vocábulos etimologicamente diferentes — *soidade* e *soidão* (embora *solitate* e *solitudine* derivem ambos do lat. *solus)*.

Mais adeante, porém, diz Faria com mais acêrto: "A corrucção de *soidade* em saudade, para os ouvidos portuguêses, veio a parar em voz regalada (sic), mais expressiva que a primeira, e sem egual

---

([1]) Nos meus *Subsídios para um dicionário completo.*
([2]) *Coisas leves e pesadas,* pag. 91 e seg.
([3]) Nota A ao Canto 1.º.
([4]) *Louvores da lingua portug.*, fl. 83.
([5]) Apud Bluteau, Vocabulário, s. v. *Saudade.*

nos idiomas mais cultos e elegantes da Europa. *Saudade,* segundo toda a extensão da sua significação, é um finíssimo sentimento e pena dum bem ausente, com desejo de o lograr„.

E, além dêstes, um anónino (1) que, pouco depois de 1727, elogia a lingua "que tem a palavra *saudade* e *mágoa*„.

João Batista de Castro (Mapa de Portugal, 1.ª parte, cap. XIII) em 1745 também escreveu: "Só o português com a unica palavra *saudade* sabe exprimír com muito maior força e energia a constancia do amor ausente; e com a voz *magoa* a penetrante dôr do sentimento„.

Fechado este parêntesis revertamos ao remate de Camilo:

"É então coisa resolvida que foi vossemecê, snr. Duarte Nunes de Leão, quem primeiro reparou?...—concluí eu. Calou-se. Hei de saber ainda o segredo daquele silencio„.

Morreu sem chegar a desvendar-nos tal segrêdo. Verei se o consigo. Para isso reproduzirei antes o *reparo* de D. N. Leão. Diz ele: (2)

"... *Saudade.* Este affecto como he proprio dos Portuguêses que naturalmente são maviosos, & affeiçoados, não ha lingoa em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda por muitas palauras que se declare bem...... sendo *saudade* palaura que se não diz soomente referindo a pessoas, mas a cousas inanimadas. Porque temos *saudade* de ver a terra em que nascemos, ou em que nos criamos, ou em que nos vimos em algum gosto, ou prosperidade. Pelo que parece que mais lhe podia quadrar esta definição, que he *lembrança de algua cousa com desejo della*„.

Ora 160 e tantos anos antes El-rei D. Duarte, na sua admiravel e nunca assaz louvada obra *Leal Conselheiro,* escreveu um capítulo (XXV)—*Do nojo, pesar, desprazer, avorrecymento e suydade*— no qual, dissertando sôbre a diferença e manifestação dêstes sentimentos, diz o seguinte:

"E porem me parece este nome suydade tam proprio que o latym, nem outro linguagem que eu saiba, nom he pera tal sentido semelhante. De se haver algũas vezes com prazer, e outras com nojo ou tristeza, esto se faz, segundo me parece, porquanto suydade propriamente he sentido que o coraçom filha por se achar partydo da presença d'algũa pessoa, ou pessoas que muyto per affeiçom ama, ou o espera cedo de seer; e esso medês dos tempos e lugares em que per deleitaçom muyto folgou; dygo afeiçom e deleytaçom, porque som sentymentos que ao coraçon perteencem, donde verdadeiramente nace a suydade, mais que da razom nem do siso„.

Teria D. N. Leão conhecimento dêste passo? O Vizconde de Santarém (Introdução ao *Leal Conselheiro,* p. VI) é de opinião que ele "não *vira* o Leal Conselheiro, e só dêle tinha noticia„.

---

(1) Manuscrito da Bibliot. Nac. de Lisboa. Apud Dr. Leite de Vasc., *A filologia portug,* p. 36.

(2) *Origem da lingoa port.* cap. XXI. *De algũas palavras Portuguesas & maneiras de fallar, que se não podem explicar por outras Latinas, nem de outra lingoa.*

O primeiro, pois, que *reparou* na palavra *saùdade* foi El-rei D. Duarte.

Mas quando começou ela a fazer parte do nosso idioma? Muito antes de D. Duarte.

Haverá só na lingua portuguesa tal palavra para exprimir este sentimento? Também em espanhol, segundo creio.

Qual o primeiro autor que registou este vocábulo? Qual a sua verdadeira etimologia? Vou tocar estes pontos.

Em diversas obras aparecem exemplos dêste voc.; mas todos posteriores a D. Duarte: Garcia de Rèsende, Gil Vicente, A. Prestes, Camões, Jorge F. de Vasconcelos, Fr. Luís de Sousa, etc. Encontra-se também em Azurara, Samuel Usque, etc.

Ora muito antes do Leal Conselheiro aparece nos Cancioneiros:—no Cancioneiro da Vaticana n.º 119, 210, 214, etc., e no Cancioneiro da Ajuda [1] n.º 389, num *descordo* cujo autor foi Nuneannes Cerzeo.

Foi, pois, D. Denis, ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano, o primeiro (até hoje conhecido) a empregar este voc.; com a grafia *soidade (soïdade)*.

Além desta grafia, também adoptada por Camões (Elegia II, 3 e VI, 6), encontram-se as seguintes: *suydade* no Leal Conselheiro [2] Cancioneiro da Vat. n.º 758, Azurara (Crónica da Guiné, pag. 340), Samuel Usque (Tribul. de Israel, 3.º fl. 40 v.), Infante D. Pedro (Livro da virtuosa benfeitoria, p. 206 e 292), etc.;—*soydade* no Canc. da Vaticana n.º 119 e 214, e Azurara p. 142;—*saudade* em Camões (soneto 83 e Lus. III, 124), Gil Vicente, Cancioneiro Geral, Jorge F. de Vasconcelos (Eufrosina), etc.;—finalmente *soedade*, cuja etimologia é a mesma, mas significando *solidão, logar solitário*, em Arraiz (Dialogos, II, 12 e V, 1).

O primeiro autor que registou este voc. foi precisamente o A. do primeiro dicionário que se publicou [3]—Jerónimo Cardoso (Diction. lusitano-latinum, 1569); e registou-o apenas com a grafia *saudade*. Egualmente o P.e Bento Pereira (Tesouro da ling. port., 1645).

Já Bluteau (Vocabulário port., 1720) registou as duas grafias *saudade* e *soidade*.

Anos depois (1789) A. Morais, no seu dicionário da ling. port., aproximou-se da verdadeira origem, dizendo: "Vem de *soledade*, alterado em *soedade, soidade*, e em fim *saudade*„.

Foi, porém, pouco mais ou menos nessa época, que o académico A. das Neves Pereira (Memórias da Academia, IV, p. 428) acertou afirmando ser "derivada do latim *solitate*„.

Não fique por dizer que *soidade* ou *saudade* e *soledade* são

(1) Edição de D. Carolina Micaelis de V., p. 765.
(2) Loc. cit.
(3) Mas o primeiro, não impresso, faz parte do Códice 404 de Bibliot. Nacional, com data do séc. XIV ou comêço do séc. XV. Apud Dr. Leite de Vasc., *A filologia portuguesa*, pag. 24 e seg.

etimologicamente a mesma coisa: aquela forma genùinamente portuguesa, forma evolutiva segundo as regras da nossa fonética; a segunda *(soledade)* forma semi-erudita, meio evolutiva, como o mostra a permanência do *l* intervocálico. O que ainda não foi satisfatoriamente explicado é a mudança de *oï* em *aü*, embora pareça a alguns ter havido influência do voc. *saùde*. Para o Snr. Gonçálvez Viana ([1]) houve em *saudade* influência do voc. *saùdar:* mas para isso será preciso provar em primeiro logar ser da mesma época a introducção dêste voc. em o nosso idioma.

Vamos ao último ponto.

Não padece dúvida que tal sentimento deve existir em todos os povos; e tanto mais intenso ou delicado, quanto maior o seu grau de civilização ou cultura intelectual. Devem, pois, existir em todos eles expressõis ou termos apropriados. Mas será alguma dessas expressõis, além de eqùivalente, da mesma origem?

Ha na lingua castelhana o voc. *soledad*, cuja etimologia é a mesma de *saudade* ou *soidade;* e que este termo *soledad* também lá se emprega para exprimir o mesmo sentimento, provam-no os seguintes passos, o primeiro do poeta Luis de Góngora, e o segundo de Pedro de Medina:

"Cuanto es mayor el ruido de esta corte, tanto es mayor la *soledad* que V. S. I. me hace echando menos en todo lugar la piedad y benevolencia del santo Obispo de Cordoba ([2])„.

"... contempla la tristeza que la Reina del Cielo sintió en los tres dias que padeció ausencia y *soledad* de su muy amado Hijo ([3]).„

Finalmente, no dialecto galego ha o voc. *soedade* que, sendo pela etimologia o mesmo que *saudade*, tem egualmente a mesma significação, como se vê do seguinte passo de M. Curros Enríquez ([4]).

"Inorante de canto ll'acontecia
Ó probe de Martiño, por quen sofria
Soedades mil,
Rosa, n'a cinturiña crabad'a roca,
Mazaroca fiando tras mazaroca,
Pensaba n'il„.

E com isto me despido dos meus ultra-pacientíssimos leitores, e (não ha mister dizerem-mo) .... sem lhes deixar *saùdades*.

12-3-912.

A. A. Cortesão

([1]) *Apostilas aos dicion. port.*, II, p. 408,
([2]) Apud G. Viana, ob. cit.
([3]) *Diccion. enciclopedico hispano-amer.*, s. v. *Soledad.*
([4]) *Aires de miña terra*, p. 32, edição de 1886, ou p. 27 na ed. 1908.

ATTRACÇÃO DA TERRA [1]

I

No ilheu aspero, arido, dum amarello tábido, arrugado em pomas e alcantis, eriçado em cristas foraminosas, poido em furnas e socavas por onde arremettiam d'impeto, aos estouros, grossos golfões de mar, a prumo, tesa, mastreando um pincaro, avultava escalavrada a torre do pharol. Como uma ostra apegava-se-lhe ao sopé a casa do pharoleiro.

Em torno e acima do escolho revoavam gaivotas.

Aqui, ali, em pontos salteados eruptos agaves ouriçavam espathas; hervas bravias, hispidas irrompiam dos lanhos.

Crustaceos fervilhavam nas orilhas do penedio entre algas côr de limo que boiavam esguedelhadas como enormes arachnideos.

O oceano infinito e tumido rutilava deserto aflorado de espumas e os barcos que surgiam nas extremas do horizonte pareciam baixar do ceu em vôo sereno, singrando em doce deslise, no alor das nevoas fluindo ao sopro do vento brando.

Nos dias limpidos, sob o azul fúlgido, o ilheu sobrenadava de ouro no faiscante rebrilho das aguas, com uma orla de espuma férvida; aves esvoaçavam em bandos, investiam d'alto á vaga, remontavam batendo as azas largas ou ficavam em repouso no balouço da onda preando o peixe que esfusiava rápido. Com os aguaceiros do inverno, no furor dos ventos, sob as vergastas das chuvas, o ilheu retransia-se.

Os vagalhões assaltavam-no, subiam-lhe pelas encostas ás grimpas rebentando estrondosamente em cachões d'espuma, despejavam-se catadupejantes pelas rampas alagando os desvãos, chegando em frouxos lençoes á casa e, por toda a parte, o mar estrondava, o vento zunia, a chuva ruflava em bátegas e sentia-se em torno, alem do adensado nevoeiro que isolava o escolho, a madría tronando, rebôos de trovões, uivos do vento e, de longe em longe, uma gaivota, rompendo a borrasca, pousava num ermo e ficava a tremer, arrufada, oscilando ao vendaval.

Habitavam o ilheu o pharoleiro, a mulher e a filha e um ajudante, Bruno, antigo patrão de barco.

Os dois homens, unidos pela soledade, davam-se como irmãos e, ainda que taciturnos, de poucas falas, passavam os dias juntos — ou nas ribas concertando redes, ou afuroando o peixe nas madrigueiras se não jogando sentados num escalão da rocha, quando não se mettiam lá em cima, no lanternim, limpando, lubrificando o aparelho, reparando estragos do vento no tempo das aguas.

A mulher, cabocla franzina e secca, de pelle tanada como a dos homens, mourejava da manhansinha á noite e, emquanto a panella fervia, com appetitoso cheiro de guisados praieiros: peixe e mariscos, de longe em longe um pouco de carne secca, curvada na tina que, ora um, ora outro homem enchia com agua do algibe, lavava cantando módas da sua villa sertaneja, tão verde entre cheirosas balsas, fresca e murmurante de corregos, numa intimidade feliz de palhoças e ranchos, com laranjaes em flor e roças louras de canna e milho. Acompanhava-lhe a voz guaiada o marulho monotono das ondas em quebrança. A alegria do degredo era a pequena Sara.

Nascida ali, ali criada, o seu mundo era o parcel. Percorrendo-o de extremo a extremo, descalça, cabello ao vento, indifferente ao impeto das ondas, sempre molhada da cuspinhagem da ressaca, conhecia-lhe todos os desvios, desde os pontos mais ingremes até a gróta onde o mar gorgolejava, expluindo ás detonações e os labyrinthos e canaes profundos onde, sob uma nevoa cerulea e lugubre, luziam balseiros d'agua fuzilando em lampejos argentinos ao fugitivo espadanar dos peixes.

---

[1] Do livro "No Rancho", a ser editado brevemente pela Livraria Chardron.

Passava horas alapardada nessas cryptas soturnas escarranchada em arestas, agarrada ás aspas da rocha, gritando para ouvir o resôo do echo que se prolongava e retumbava em rolos de som pelas anfracturas da lapa.

Conhecia os pendores, as escarpas lanhadas em escaleiras, preferidas dos lagartos, ás vezes tão cheias delles que, á distancia, com o remexar dos bichos, as rochas pareciam arfar, mover-se, sacudir o dorso ao sol.

A mãe prendia-a á casa dando-lhe serviços para tel-a sempre junto a si, receiosa d'algum desastre naquelles passos perigosos e, ao exploir resoante de vaga mais estrondosa, se a não via perto, lançava-se afflicta a procural-a, chamando-a aos gritos, correndo pelo espinhaço do penedio, resvalando aos abysmos, debruçando-se das arribas até dar com ella onde estivesse.

Encontrava-a, umas vezes, defendendo heroicamente o ninho das gaivotas: de pé, num anfracto, apedrejando, a cascas de ostras, as gordas ratazanas que chiavam fugindo de roldão, lambusadas no gluten dos ovos destruidos. Ou então numa chan, ante um remanso limpido de mar, tão raso, liso e transparente que se lhe via o fundo amarellento, a cevar peixes que se atropellavam engalfinhados, arremettendo ao lambisco.

O mar não tinha segredos para a pequena — pelo bolhar ou crispar da superficie sabia se eram levas de garoupas ou cardumes de sardinhas que passavam; roteava por um expluir de espumas a marcha dos tubarões, distingüia ao longe as aguas-vivas.

Mas o seu prazer — e iam-se-lhe os olhos nelle — era seguir as cabriolas dos botos rolando ao largo em rebolcos lentos.

Se avistava uma vela ou vulto de paquete emmaranhado em cabos, atufado em fumo, singrando na lisura lustrosa, cahia em scisma recordando as conversas que ouvia em casa sobre a terra, a mysteriosa terra grande e rica, cheia de cidades fartas, ondulada em montes encrespados de selvas, reluzindo em fios de riachos, estendida em campos vastos e verdes como o mar, coalhados de rebanhos tenros, com pastorinhos mimosos e bem vestidos como os dos chromos.

Sempre, porém, turbando a doce idealisação das bellezas da terra fertil, pensava na morte. Não a comprehendia senão como um esqueleto armado de foice, rompendo das nuvens, direita aos homens, como as gaivotas quando colhem o vôo e abatem na vaga sobre o peixe arisco. E tremia, encolhia-se arrepiada, relanceando em torno os olhos cheios de medo.

Mas a serenidade do céu e do oceano tranquilizavam-na e reentrava no doce sonho. Então pensava em Deus, no Deus das orações, cuja imagem soffredora lá estava, á parede, num quadro cercado de sempre-vivas; Deus, o creador de tudo, o Pai dos homens que navegam e das estrellas que brilham, dos peixes e das gaivotas, do sol e da lua, senhor do céu e do mar; Deus, que lá estava, entre luzes eternas, na igreja sonora, á sua espera para baptizal-a, abençoal-a, tomal-a a si sob a sua mão direita.

Então desejava a terra com ancia, sentia impetos de arrojar-se ao mar, nadando, seguir os navios através do céu d'além, e entrar ás cidades ao som dos sinos, por entre soldados e jardins floridos, grandes bois, fontes borbulhantes e principes vestidos de seda, com espadins de ouro e chapéus de plumas, como nas historias.

A's vezes chorava frenetica num grande odio ás aguas e áquelle céu que lhe encobria a terra desejada.

Bruno, quando lhe falava da "capital„ estendia os braços para um ponto onde, á noite, as estrellas luziam mais abundantes, e dizia-lhe: "E' ali!„ E ella ficava olhando longamente, a fito, até que os olhos se lhe enchiam de sombras. Mas não comprehendia e tomava por brincadeira o que lhe affirmava o pai da immensidade do mundo, correndo um largo gesto que circulava o ambito do horizonte:

— Por toda a parte ha terra, praias altas, de areias brancas com coqueiraes em palmas e lá p'ra dentro cidades cheias de palacios, cheias de mercados, com carruagens rodando, passaros, muita gente, musicas.

Não, a terra ficava, como dizia o Bruno, lá onde luziam as estrellas mais claras, alta, num monte azul, com arvores cheias de passarinhos.

E quando chegava ao ilhéu o barco das provisões, Sara exultava feliz. Ia a

correr e a rir, escorregando nas lombas, saltando das cuspides até á cascalheira da orla e, em alvoroço, pulava á prôa, ia pela bancada festejando, abraçando, os tripolantes como para sentir o cheiro que elles traziam da terra e esquadrinhando, rebuscando nos vãos do barco como a buscar alguma coisa de lá e examinava, recolhia tudo — folhas, pedaços de jornaes, cascas de frutas, seixos. E emquanto os homens demoravam no ilheu não os deixava com perguntas e, quando partiam, subia ao lanternim do pharol e, lá de cima, dominando o mar, ficava-se a contemplal-os, acenando-lhes com um panno até que a vela do barco, pequenina, confundia-se com as espumas que cotonavam o oceano.

Uma tarde disse-lhe o pai, afagando-lhe os cabellos salitrados:

— Quando fizeres dez annos, se Deus não mandar o contrario, irás cómnosco á terra baptizar-te.

— Contanto que a morte não me veja, murmurou. A mãi rompeu de repellão:

— Ah! tola! Ocê pensa que a morte anda na terra como a gente?...

— Pois então?!

— Boba!

— Ella não sabe, coitada! desculpou o pai. E a cabocla, supersticiosa, explicou:

— A Morte não se vê e está em toda parte, tanto lá como aqui.

— Aqui, não.

— Graças a Deus! bemdisse o pharoleiro. E a pequena, depois de considerar:

— Mas então só quando eu fizer dez annos?

— Só.

— E ainda falta muito?

— Dois. Tens oito. Sára encostou-se ao umbral e, de cabeça baixa, ali ficou contida num pensamento.

O sol baixava enorme, d'um fulgor metalico, reverberando ao rez das aguas que relumbravam e o céu aureo, estriado a traços flabellares, chovia gloriosamente uma poeira de ouro. Vagas rolavam pesadas em ampolas coruscantes e todo o oceano reluzia picado em scintillações.

O disco astral tocou a linha do horizonte com um brilho fremente e o mar, sob o oceano ardido, inflammou-se rutilando.

Foi um deslumbramento rapido. Vagaroso, num descer de pluma, o sol mergulhou. Houve um extase; ondas brincaram e a claridade foi-se, aos poucos, apagando — aqui, ali um brilho ainda, uma scintillação candente. Por fim, esmaecendo a luz, o mar reluziu em lustro oleoso.

Levantou-se um vento fresco, abrolhavam nas aguas frouxeis brancos, e, á luz meiga, aos bandos, vieram vindo as gaivotas e barulhavam entrando ás furnas ou reunindo-se num alto, ficavam immoveis, ainda gozando o anoitecer. Fez-se escuro silencio.

Subito, num jacto explosivo, o clarão do pharol tremeluziu, largo e extenso, nas aguas.

Bruno lá estava na vigilia do primeiro quarto.

A familia recolheu á casa. A candeia aclarou o interior aceiado.

O pharoleiro sentou-se junto á mesa, accendeu o cachimbo e ficou-se a fumar, banzando. A cabocla ia e vinha nos arranjos domesticos — guardando a louça, dobrando peças de roupa. Sara metteu-se a um canto encolhida, o rosto, na mão, a olhar a folhinha de parede, pregada em chromo bucolico, onde um moinho velejava alto, num colle, sobre um fundo risonho de céus azues e campos louros. "Estavam ali os dias, pensava a pequena. Tantos! Era d'ali que a mãi tirava-os um a um, de manhãsinha, ainda escuro e, mal o despegava, logo o sol rompia das aguas. E se ella furtasse alguns! um pelo menos!...„

Relanceou o olhar em volta — os pais estavam distrahidos. Levantou-se de vagarinho e, de leve, foi destacando a folha, outra logo appareceu em baixo. Instinctivamente inclinou a cabeça lançando os olhos para a porta, a ver se havia claridade de sol — a escuridão persistia. Sorriu, e d'impeto arrancando a folha, amarfanhou-a, metteu-a no seio e, disfarçadamente, pé ante pé, caminhou direito á porta, sahiu e, curvada, cosendo-se com a parede, amiudou os passos, lançou-se, por fim, a correr.

Enveredou por entre as penhas, trepou á escarpa caleada a luar e, por lombadas e arestas que pareciam de gesso, chegou á beira do mar prateado onde as espumas ferviam em brilhos. Tirou o papel do seio, lançou-o ás aguas. O vento apanhou-o no ar, revolveu-o, levou-o. Sara não o viu cahir.

Olhava, mas a voz da cabocla veiu de longe, em grita: "Sara!„ Voltou-se. A onda lenta preguiçava na rampa, envolvendo-lhe os pés em humida caricia. "Sara!„ Lindo, o luar palhetava as aguas. E a luz do pharol, como ia longe!

Quem seria o pharoleiro lá em cima, na lua? Ah! se fosse o pai... que bom! Ali, sim, perto, pertinho das estrellas... Poderia ir d'uma a outra, correr na estrada de S. Thiago, brincar por ali fóra. Que bom!„

Um lume riscou os ares, apagou-se no mar; outro passou; alem eram muitos voando. "Deus te guie!„ balbuciou a pequena. E, longe, a voz afflicta: "Sara!„

Fez-se de volta sem pressa, d'olhos no céu, com a saíta espadanando ao vento e resvalava ao longo d'uma fraga, apoiando-se ás anfractuosidades, quando sentiu-se agarrada, sacudida aos safanões pela mãi, que rugia por entre dentes cerrados:

(Conclúe).

Oração de Amôr e de Humildade

Tu, que és a minha Filha e a minha Mãe,
Que andas ao meu e trazes-me ao teu colo,
Tu que me arrolas, Tu, a quem arrolo
Para que mais quietinha durmas bem;

Tu que me enches de mimo, Tu a quem
Só eu nas máguas íntimas consolo,
Pequenina e leal strela do Polo,
Única estrela firme que o ceu tem,

Olha, minha Mãesinha, o teu menino
Não dorme, chora aflito, perde o tino:
Perdôa-lhe o agravo irreflectido

E nessa dôce voz, como não ha,
Sobre o teu seio canta-lhe ao ouvido:
"Socegue e durma, meu menino, vá...„

BASILIO TELES

O **ultimo** livro de Basilio Teles fez nascer em mim o desejo de alguma coisa dizer sobre esse raro caracter, vivendo n'esta sociedade amorfa e insignificante.

Na redação da *Aguia* soube que o querido poeta Teixeira de Pascoaes falaria sobre o livro de Job.

Estimei duplamente, por mim e por Basilio Teles.

Por mim, porque, liberto da responsabilidade de crítico da obra, poderia rapidamente falar do que mais agradasse á minha admirativa simpatia ou á minha particular feição espiritual.

Por Basilio Teles, porque ele terá a alegria de vêr a sua bela alma comovidamente advinhada, em toda a sua longinqua bondade, pela alma do Poeta,

Falarei de Basilio Teles perante o problema do mal.

Quando li o pedaço de prosa, do princípio do "Estudo„, evoquei aos meus olhos a figura d'um velho marinheiro, que do tombadilho olhasse, sereno e atento, o assalto das ondas montanhosas.

Evoquei, e logo senti quanto era inadequada a imagem. Este apenas se defende; contém gritos e imprecações para não indisciplinar a marinhagem. Lembrei o sabio debruçado sobre Vesuvio para lhe observar as entranhas.

Mas é ainda injusta e depreciativa a comparação. Olhar o Vesuvio deve sêr terrivel, mas olhar o Mal é formidavel. O problema do Mal dá a medida das almas.

Todos os creadôres o sentiram, o envolveram, e, em redor, traçaram a orbita do seu pensamento heroico.

Quereis conhecer o macisso d'uma alma? Interrogai-a sobre o Mal.

Vereis como não ha habilidades dialecticas que salvem.

Tendes deante de vós uma alma heroica? Ela porá, nas suas respostas, originalidade, vigor e grandeza.

Tendes uma alma banal e chata?

Recitar-vos-ha o catecismo ou Shopenhauer, porá a mascara do super-homem ou do *bom reitor.*

Disse algures Jaurés que o problema do Infinito se põe de novo para cada sêr.

É certo; e a alma do problema é na moralidade ou a amoralidade do Sêr, isto é, no problema metafisico do bem e do mal.

Podemos arranjar hipoteses provisorias, biologica e sociologicamente utilisaveis; mas sempre o problema permanece, porque o bem e o mal são fructos do Absoluto. Uma arimetica moral pode sêr util para coordenar interesses, mas nada pode dizer sobre a essencia da questão.

É o problema de Deus, a dualidade Espirito e Natureza.

Debate-lo é, já, erguer o Espírito creadôr e amante em frente á Materia indeferente e inerte.

As religiões não o resolveram e a sciencia não o resolveu, porque religiões e sciencia só possuem Materia.

O cristianismo ([1]) foi um afloramento do Irracional increado e creadôr, uma erupção espiritual, mas logo aprisionada na imobilidade do dogma.

Seria a fluida omnipresença, volveu-se em solidificado exclusivismo. O catolicismo contem apenas *materia* psicologica e moral.

A continuidade da ação perdeu-se na discontinuidade do decreto e da obediencia.

A sciencia só aprehende o descontinuo, o inerte.

Religião e Sciencia sam impotentes perante um Bem e um Mal, para elas irreductiveis e absolutos.

Um *creacionismo* moral verá, na dualidade Espirito — Natureza, o motivo da sua ação e o valôr da sua realidade.

Na continuidade vivida do esforço moral encontrará Deus, isto é, o incessante acrescimo dos dominios espirituaes.

Até onde irá a eficacia d'esse esforço moral?

Quando se casará a fria luz do Cosmos com a luz amorosa do homem?

É todo o problema de omnipotencia divina.

O homem tem a responsabilidade, livremente tomada, de moralisar a Natureza, isto é, as paixões, a inteligencia, os instinctos, a cegueira.

É essa a sua linhagem divina.

A atitude d'uma alma perante o Universo é um misterioso laço de humildade e heroismo.

Quando, no silencio concavo da Noite, o homem ergue a Consciencia interrogadôra e afirmativa, sente bem, na maré viva da alma, a certeza victoriosa das suas promessas.

Encarar de fito o Mal é a maxima coragem e a mais nobre ação.

Raros olhos resistem á luz do Sol, bem menor é o numero das almas que resistem á luz de Deus.

Num pais de palradôres inconscientes, de literatos livrescos, de consciencias (?) *oporturnistas*, é bem admiravel a presença d'uma veneranda figura, como a de Basilio Teles.

É como se perdidos num jardim, cheio de monstros requintados, de repente os nossos olhos vissem o solido raïzame d'algum carvalho; ou como se, num quente salão perfumado, entrasse de repente a rajada da Montanha.

Abençoado o austero homem, que é um grande exemplo moral á nossa mocidade.

Leonardo Coimbra

([1]) Vêr na 1.ª serie da "Águia" o nosso artigo "Natal e Ano Novo".

A TRICANA

Essa com quem passei a noite no desvairo febril de violar uma filha de Byzancio, numa luxuria fulva, — tem o sexo perdido e uma lingua depravada por costume.

Baldadamente meus braços feitos ondas voluptuosas apalpavam o inedito prazer, em que me lançára o desvairo desta noite de evocações, de saborear aínda a sombra da Tricana com que essa rapariga, de tricana vestida, me tentava.

Estudante doutros tempos me sentia. Desatei-lhe o cabello, e na seda do seu cabello procurei a graça divina que nossos avós moldavam em barro virgem criando corpos esveltos que ao depois incestuavam. Freirinhas do Mondego que viviam da penitencia de amar, quando um dia fossem mães criavam as filhas, á fonte as mandavam, — e todas voltavam com o cantaro quebrado, já tambem presas do peccado de amar. Era assim o destino *dellas* no tempo passado, saudosíssimas Elsas esperando a vinda do cysne branco para entregar o corpo ao cavalleiro que tardava em vir buscá-lo. Bemdito era o fruto dos seus ventres, illibados por Inês do peccado original: pois pelo seu sacrificio podiam todas amar, — e pelo seu exemplo iam esperando p'ra tomá-las aquelle cuja chegada lhes dizia a voz do sangue.

Ultimos dias de Coimbra embalavam-me em lentos, languidos baloiços de lenda; e o luár fluido irisava-me, — sedas roçando as veias, ondas de beijos no ar, palpitações e rendas...

Desatei-lhe os cabellos. Os seus cabellos eram veludo de orchideas, o beijo das suas palpebras péle de antilope acariciando.

Ia a banhar-me nos seus cabellos: logo o seu gesto e a sua voz, agora mais engrossada:

— Ó filho, vê se estás quieto. Olha a chatice de amanhã me pentear!...

Como acendi eu a vela, meio-acordado, e me senti no meu quarto, com as malas já em ordem amontoadas a um canto, e as paredes nuas diluindo em torno a terna melancolia da partida?

A luz tremula da vela punha em fuga, detraz dos moveis, mômos de lenda, figurinhas grotescas feitas penumbra e silencio.

Sentada na cama, com as mãos atadas nos joelhos, lamentou-se da sorte que a mãe lhe déra, em monosylabos grossos, palavras arrastadas; e de repente, como desenredando um drama alheio, sêco e insensivel de muito dito, começou-me a contar a sua historia, que eu toda illuminei de risos de primavera e manchas barbaras de noturno ancioso...

A mãe era *servente,* e logo de pequenita começou a levá-la

ÁRVORES DE PORTUGAL

Tronco de cedro do Bussaco

(De Cervantes de Haro)

por casa dos estudantes onde a principio se encolhia contra o seu avental e depois foi ganhando confiança de garota tagarela. A's vezes, o *senhor doutor* chegava das aulas quando ella fazia a cama, e entretinham-se os dois a conversar. Mandavam-na embora; se se demorava, a mãe enxotava-a com obscenidades e ameaças. E colando o ouvido á fechadura, em sobresaltos e advinhações, sentia sobre a cama um som mole, de corpos aconchegando-se, ferros rangendo, e um resfolegar de besta amortecido nas roupas. Tossiam. A mãe erguia-se e ia á janella chamá-la, em gritos que acordavam toda a rua.

Uma vez, nos degraus da escada, ouviu-a altercar com um quintanista por causa de seis vintens:

—Julga que eu sou alguma bácora? Olha o pelintra...

E quando a pequena apareceu á porta, teve um gesto imundo, arrepanhando as saias contra o ventre:

—Está aqui mas é muito meu.

Quando o ritmo das suas fórmas acordou a ondear, tacteando curvas sonhadas, e dentro de si a graça nubil se alára em mão anciosa de escultor, e o sexo acordando punha ineditos donaires no seu corpo, entrára a mãe a exhibi-la como uma joia de preço que esperasse o dia de iluminar de verbo um colo de voluta aerea. Foi passarinho ligeiro, alegrando a rua da janella, onde os rapazes vinham dizer-lhe coisas que floriam sorrisos na sua face, ateiando a luz alvorescente da pupila. Foi princezinha de saias curtas e chale traçado para dar relevo ao busto com o luar crescendo manso nos peitos, ter graça de ave no volitar da sua chinelinha. Foi rainha nas *fogueiras* da *alta* onde futricas e estudantes disputavam palavras suas e gestos promissores...

Pelo outôno, quando as capas voltavam em revoadas novas e as lavadeiras piladas apregoavam castanhas—*quentes e bôas*—abanando os assadôres, comprou-lhe a mãe um fogueiro; e no caminho do Choupal não era a sua voz que chamava os rapazes, eram os seus olhos de virgem gulosa do roçar de azas do amôr, verbalizando tentações em gestos, enleando de gostosa a freguezia em apetites e provocações.

Começou a ser falada; e queria então vestidos novos que a mãe, amigalhando, lhe comprava; e o velho avô, rabujento e paralitico, encolhido na soleira, seguia-a sempre com um olhar baixo e parado, tecido de socêgo e de silencio...

Quando chegou o São João todos os *ranchos* a desejavam, e a todos dizia que sim, a rôla brava. Foi o conselho da mãe que decidiu a escolha; e logo o ensaiador a fez rouxinol da fogueira, para cantar no meio as cantigas a solo, quando a assistencia ergue reputações de belleza e corôa de palmas a mais linda tricana do rancho.

Por este tempo a convivencia dera-lhe falas mais faceis, gestos

dubios; e a graça de primitiva acoitara-se no sexo, coberta duma camada môrna que era um cheiro de vicio a tomar corpo.

Uma noite, no intervalo da dança, a mãe mandou-a chamar ao tablado,—que não se demorasse. Ficou-se um momento á porta a conversar com visinhas que viam a fogueira defronte. Em cima, tropeçavam passos na escada, que rangia. Ouviu a voz da mãe:

—Por aqui, por aqui...

Depois um raspar de fosforos acendendo o candieiro, a mãe falando baixo, crescendo a voz de apressada:

—E' escusado ateimar: não é menos de cincoenta... E é por ser o snr. dr., que é pessoa aceiada...

Alguem contava notas, incerto.

—Trinta... Quarenta... Cincoenta...

E despejando p'ra a escada:

—Vê se te avias... vê se te avias, estupôr.

Estacou á porta, junto da mãe, que se dispunha a sair. Encolhido contra a parede, de mãos nos bolsos, a capa caída sobre os ombros curvados, um estudante mirava-a de travez. A luz frouxa do candieiro, a furtar-lhe as formas, alastrava a sombra pela parede numa mancha indecisa, inerte.

Da porta, a mãe atirou para o vulto imovel,—sêca, sem tom de voz:

—Arranje-se depressinha, que podem desconfiar...

Saíu.

Os cantos fóra recomeçavam. Ella ouviu dar a volta á fechadura: e nem um passo na escada. A vista ia-lhe resvalando por um declive de terra mole, onde sentia os sentidos enterrarem-se, numa lassidão que a envolvia e a alheiava. Mal via deante de si os grandes olhos pasmados do estudante sobre o seu corpo de cegonha velha, a mascara parada que só o canto da boca acordava em contracções.

Num relance os braços rudes apertaram-na, violentaram-na contra a cama; e dedadas brutaes apalparam-na ás cegas, incendiando-lhe as veias.

A rapariga teve um gemido surdo. Os olhos abriam, um abrir desmedido, via-se toda de corpo e de alma, como se a vista lhe percorresse as arterias com azas de aço e lançasse ao redor de si um relevo barbaro sobre as coisas indecisas...

De novo o homem ageitou o seu corpo, com mais violencia; lançadas finas rasgavam-na toda.

Gritou, num grito surdo:

—Não... não... não...

De fóra, colada á porta, a mãe arreganhou a voz, sofrega do fim:

—Cala-te; ladra: vou lá que te mato...

Teve ainda um gemido moribundo:

—Não...

Viveu dois mezes com elle, de casa posta, vid'airada nos ar-

redores, e a vaidade de se exhibir bem posta aos olhos das companheiras. Quando chegaram as ferias, a mãe começou a tratá-la por impropérios canalhas:

—Se quer comer, vá trabalhar fóra. A noite é larga...

E o velho avô, encolhido na soleira, dizia alto obscenidades, com um olhar baixo, quando ella passava.

Um domingo á noite, no Penedo da Saudade, a mãe combinava qualquer coisa com tres sujeitos que fallavam muito forte:

—Uma c'rôa cada um... Olha a virgem...

Recusou-se, numa intima vergonha. E nessa noite, sem casa onde dormir nem dinheiro p'ra comer, começou a arrastar o corpo pelas ruas, roçando o braço pelos caixeiros, á porta das lojas desertas...

Levantei-me hoje tarde, mal disposto. O meu companheiro de casa, que verseja e tem assômos liricos em frente da paisagem, quer-me ir mostrar um poente que descobriu da estrada de Lisboa, na volta do Valle do Inferno.

Descêmos para o Caes.

—Olha a Palmira morena...

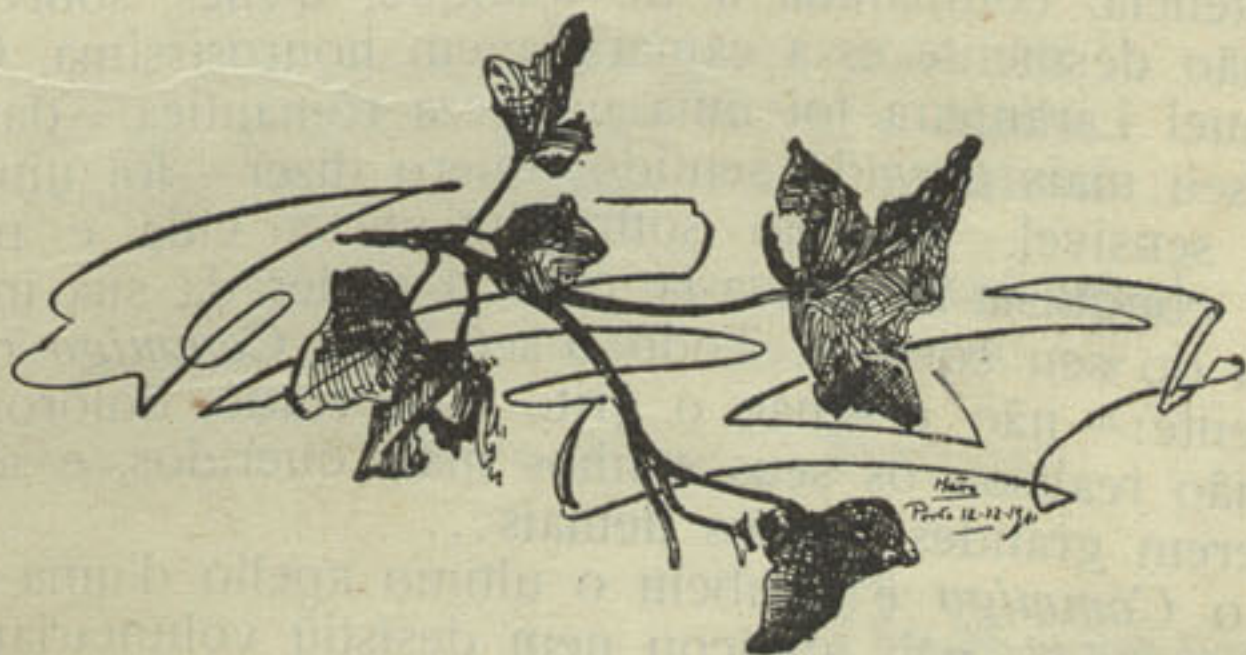
Vinha já a saudar-me, num sorrir cacarejante:

—Adeus, sr. doutor...

Seguimos pela ponte.

Horas em Santa Clara. Crepusculo de magua sobre o rio. Oiro nos choupos.

Out., 911.

Do "*Elegia da Lenda*, Livro das Saudades escrito por Veiga Simões, estudante que foi na Cidade de Coimbra": a saír do prélo.

MANUEL LARANJEIRA

Prometi escrever para "*A Águia*" um artigo longo sobre Manuel Laranjeira. Exigem-me agora o cumprimento d'essa promessa. Mas a verdade é que a morte, e sobretudo, a vida de Manuel Laranjeira está ainda tão perto de mim, relembro com tão aguda saudade a sua convivencia carinhosa, a sua intimidade intellectual, que me é impossivel, inteiramente impossivel, dominar os meus nervos até á serena contemplação da sua obra e da sua figura. E uma e outra requerem, para que se lhes faça inteira justiça, uma analyse tranquilla e segura, um estudo lento e profundo. Só assim poderemos pôr bem em destaque essa nobre e rara individualidade, que para muitos foi sempre um vulto paradoxal—apenas porque sabia raciocinar e discutir as suas emoções, e praticar grandes actos de bondade ou de força, conhecendo, por vezes, e a todos clamando, a certeza da sua ineficacia.

Era esta apparente contradição entre a sua maneira de *ver* e a sua maneira de *viver* a vida, que desnorteava frequentemente as pessôas com quem elle se dava, e que se sentiam, apezar da distancia espiritual que porventura houvesse entre ellas e Manuel Laranjeira, atraídas, seduzidas por uma talvez obscura, mas firme e doce fraternidade de sentimento, que nunca deixou de existir entre o poeta do *Commigo* e qualquer creatura sincera, qualquer sincera manifestação humana. Porque elle foi, na verdade, uma alma de sympathia e de carinho, e a palavra que melhor definiria a sua attitude perante os homens e a vida, seria simplesmente a admiravel, insubstituivel palavra — amor.

E como elle sabia amar! Ideiás ou seres, esperanças ou illusões, elle queria-lhes profundamente, desde que significassem um acrescimo, um augmento, uma exaltação da personalidade. Se a coragem com que se matou o irmana a Camilo, a Antero, a Soares dos Reis; se o seu talento o acamaradára já com esses grandes suicidas; a sua existencia, comparada á de qualquer d'elles, sobretudo á de Camillo, não desmente essa camaradagem honrosissima. Como Camillo, Manuel Laranjeira foi uma natureza romantica — dando a esta palavra o seu mais elevado sentido; quero dizer — foi uma natureza ardente e sensivel, amando soffregamente a vida e procurando abrange-la, conquista-la, doma-la com o poder da sua intelligencia e a ternura do seu coração. Todo o seu livro *Commigo* o demonstra claramente: — não é senão o grito exasperado, doloroso, tragico de quem não realisou os seus sonhos mais queridos, e só irrealisaveis por serem grandes, altivos demais...

Mas o *Commigo* é tambem o ultimo apello d'uma alma que, se vae ser vencida, não abdicou nem desistiu voluntariamente dos seus ideaes e dos seus desejos, antes conservou sempre, quasi ver-

tiginosamente, a mesma anciedade de viver. Pouco tempo antes da sua morte, Manuel Laranjeira, com aquella funda lucidez que era um dos seus maiores encantos a escrever e a falar, contava-me o plano dos seus futuros trabalhos litterarios, plano que reclamaria longos annos para a sua effectivação. Já doentissimo, fraquissimo, tinha ainda fé em si e na vida! Não cruzava os braços, não desdenhava do esforço, não fugia.

E' assim que o seu suicidio não tem para mim o aspecto de covardia moral que quasi todos os suicidios nos apresentam; apparece-me antes como uma fatalidade inevitavel, prostrando por terra, cegamente, sem piedade, um lutador corajoso, talvez cansado já, mas inebriado ainda, enthusiasmado ainda por todas as energias poderosas do combate, por todas as inquietas esperanças d'uma victoria ambicionada. E, confesso, não sei de outra consolação, não ha outro remedio, para a infinita saudade que ainda hoje me não deixa encarar serenamente a perda irreparavel do homem, do artista, do pensador e do amigo que foi Manuel Laranjeira, não direi digno de melhor sorte, mas digno d'uma vida maior — para melhor se dar a conhecer...

1912 - IV.

João de Barros

O POETA E A NAU

Vai errante, no Mar, uma nau sem governo...
O oceano é chão, o céu azul fundindo em aço...
As velas mortas... Nem sequer vento galerno
As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convez peza um velho cansaço,
E ou destino fatal ou maldição do inferno,
O mastro grande em vão aponta para o espaço...

— Sobre as ondas a nau é um carcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,
Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta
Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

"Porque o vento hade vir aninhar-se nas velas!
"Porque a nau voará, — tocará nas estrelas!..."

— O marujo é Poeta — e a nau... Portugal!

Augusto Casimiro

MISTICISMO DO POENTE

Ao Mario Beirão

Cálice d'Hóstia rubra... Sol-poente,
Cálice feito de christal — neblina,
Luz mística, Luz branda, Luz divina,
Toda impregnada d'uma Dôr silente:
— Pallida freira doente,
Doente n'uma cella pequenina...
— A Inquietação nos braços do Descanço...
— Gabriela com modos de Rufina...
— Apaixonado rei tornado escravo...
— Pombinha brava n'um pinheiro manso...
— Pombinha mansa n'um pinheiro bravo...

As flôres n'um queixume
Soltando seus suspiros de perfume
Deixam tombar as pétalas queixósas
Para o sólo do campo côr de azêbre.

As coisas estão todas silenciosas!

O ceu é um léque azul cheio de lantejoilas
E, rubras, as papoilas
Deliram com quarenta e tantos gráus de fébre

Uma doença physica
Parece corroer as fibras da materia...
A Naturêza é uma póbre tysica
N'este momento de tristeza ethérea!

Cada arvore voltada para a luz
Nas vallas e barrancos
E' uma Santa Therêza de Jesus,
Nas contracções hystéricas, no gôso
De apetites sem côr, desêjos brancos!

— Ai! como o adeus do Sol é dolorôso
Na agonia dos trágicos arrancos!

Cálice d'Hóstia rubra... fim do dia,
Eu quero commungar na tua luz
E morrer e sentir essa agonia
De quem mórre pregado n'uma cruz...

—O' ancora doirada na bahia...

—Madre-pérola... ó buzio... ó linda amárra...

—Zimbório... tôrre... ó saibro de jardim...

—Ó entrada da barra
Toda beijada pelo mar sem fim...

—Ó caes dormente em sonho-marezia...

—Ó préamar... ó ondas em torpôr...

—Ó casaria...

—Ó annel com rubis... christa do gallo... ó flôr...

Onde estão vosso encanto e bizarria,
Vossa perdida côr?!

Nasce outra vez ó Alma d'Harmonia...
Volta de nôvo ó Coração d'Amôr!

Augusto Santa Rita.

NOTAS E COMENTÁRIOS

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

A Evocação da Vida, por *Augusto Casimiro.*—Biblioteca de "A Renascença Portuguesa". E' grato ter de falar d'um Poeta como Augusto Casimiro, cujo talento, excepcionalmente emocionado é agradavelmente emocionante.

Dois factos ha a salientar na travessia do Poeta:—o esmero da sua Arte e a canceira apposta á boa faina. Mas, já agora não louvarei a profusão extranha das suas colheitas.

Acceito-a como um facto e como um bem, compensadores da temporada, revôlta de utilitarismos e baixeza, á conta de muita gloriola em litigio.

Levanto os olhos do cisco que remoinha á symphonia da miseria publica, para ver dos ultimos versos de Casimiro, dictos do alto d'aquella *montanha d'amor, com cimo d'oiro* que explica ser a sua alma.

E' do extranho poiso que evoca a Vida, procurando *a luz maior d'outras mahans.*

E é de certo illuminado da luz appetecida, á luz sonhada, que sae a cantar a Vida n'uma revelação nova.

Ouçamol-o:

«Sim! existe em minh'alma toda a Vida,
Todas as Vidas... Sinto-as encantadas...
Sam visões, n'uma fila comovida
Sobre um lago, a mirar-se, debruçadas...

A Vida é um buzio posto ao meu ouvido...
E' um rio de miragens... Vai passando...

São fantasmas, n'um vôo indefinido...

Vozes longinquas, pálidas, soando...

Que palavras ouvi, vagas e eternas,
Que orações eu ouvi pronunciar?

— Almas de poetas são como cavernas
— Onde resôa a Vida, imenso mar!...

Ahi estão alguns Versos dos que o publico tem a julgar. Falo, é claro, do publico-artista, não do outro, do que espera enthusiasta, a pandemia egualitaria.

Leia-os ainda o bom povo, o que contrasta a Raça, atravez de notas de vida ingenua e superior.

Somos d'um povo que vive na Miseria expressões de grandeza e aspirações de resurgimento pela Arte.

Vale o facto uma *virtude — defeito,* a que interessa o Destino superiormente infeliz dos povos nevrosados.

A tessitura suave da vida de encantamentos que o Poeta sente, lá do ponto subido do seu planalto d'oiro — é afinal o sonho de resurgimento para a Belleza, pelo esquecimento do mais do momento...

Abençoado esquecimento!

Bem que pese aos histriões de todos os Ritos, — na hora presente quasi só a Arte é sentida.

Com bom motivo o deve ser a Arte de Augusto Casimiro.

1912.

Inverno em flôr, por *Coelho Neto*. 2.ª edição. Livraria Chardron — Porto, 1912.

De Coelho Neto, que é hoje um dos primeiros artistas da prosa portuguesa lemos o seu *Inverno em flôr,* que pela segunda vez é dado à estampa. Ainda que não seja das suas melhores obras, pois é tambem das primeiras que escreveu, tem o livro beleza que sobre para alegria e admiração de quantos o lerem.

Como quer que date duma época em que o seu espírito de artista ainda não havia atingido toda a riqueza original, resente-se por via disso da influéncia de Eça de Queiroz. O Dr. Jorge e o Cesário são mui proximos parentes espirituais do Carlos da Máia e do Ega dos *Máias.*

Para nós portuguêses a mais bela, viva, original e sublime figura do livro é incontestavelmente a da negra Bá, ama de Sarita, alma de sacrifício e abnegação; e as suas melhores páginas aquelas em que descreve a loucura de Jorge com um assombroso poder halucinatório.

O Homem segundo a Sciencia — *Büchner*. Livraria Chardron — Porto, 1912.

Proseguem os srs. Lelo & Irmão no louvavel e generoso intuito de fazerem verter para a nossa língua os melhores trabalhos estrangeiros de vulgarização scientífica. Primeiro, as obras de Haekel — agora, as de Büchner bem servirão para melhor se conhecerem em português os graves problemas que por todos os lados nos rodeiam. Este livro, então, fala-nos com admiravel brilho das grandes descobertas scientíficas sobre a antigüidade do género humano, da sua origem e tambem do logar que ele ocupa na natureza.

*

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número se publica a apreciação ao "Livro de Job„.

Tambem no n.º 5 nos referiremos ao livro "Introdução ao Problema do Feudalismo em Portugal„.